



Os fenômenos numinosos religiosos e arquetípicos em Rudolf Otto e C.G.Jung

Olinta Fraga*¹

Resumo

Esta comunicação tem por objetivo uma reflexão teórica sobre os fenômenos numinosos religiosos e arquetípicos e a criação de Deuses a partir das concepções de Carl Gustav Jung e de Rudolf Otto. Inclui ainda considerações de Jung para com a psicologia do *homo religiosus*, apontando para a religião na contemporaneidade no sentido da *religere*, ou seja, uma consideração cuidadosa e consciente dos poderosos conteúdos inconscientes e arquetípicos cuja omissão, entre outras possibilidades, pode levar o ser humano à inflação subjetiva provocadora de desastrosos resultados pessoais e coletivos. Numinoso é um neologismo utilizado por Rudolf Otto para referir-se ao divino *a priori*, a essência irracional das religiões, cujas manifestações são incognoscíveis e seus efeitos sentidos como um *mysterium tremendum e fascinans*. Para Jung, as irrupções de imagens arquetípicas impostas à psique têm aspecto numinoso, são incognoscíveis e avassaladoras. Jung afirma o lugar da psique como eixo do mundo, ditando o componente subjetivo na interpretação deste mundo, sendo esta intermediação o fator diferenciador das múltiplas formas de manifestações numinosas. Ambos concordam que são as impressões sensoriais e visuais experimentadas quando sob a posse do fenômeno e das tentativas de elaboração desse evento que originam as múltiplas confissões religiosas, a ortodoxia, os ritos e os cultos diversos. Otto adverte que, no desenrolar da história das religiões, negaram-se os fundamentos primordiais e irracionais da religião, prevalecendo a supremacia do elemento racional que não abrange as características do Ser Divino. Conclui-se, ao que tudo indica, que, pela similaridade na percepção e na descrição do fenômeno, embora os dois mestres tenham caminhado por trilhas um pouco diversas, a origem de suas buscas partiu do Deus vivo experienciado.

Palavras-chave: Fenômeno Religioso, Numinoso, Arquétipo, Psique, Deus Contemporâneo

Introdução

À questão identitária dos fenômenos numinosos religiosos metafísicos, se arquetípicos ou não, dificilmente teremos resposta absoluta, e, embora tenhamos como parte dos objetivos deste texto discorrer sobre as características deles, a presente análise visa apresentar novos ângulos, porém sem levantar polêmicas sobre quaisquer questões de

¹ *Psicóloga Clínica com orientação Junguiana, Mestranda em Ciências da Religião pela PUC Minas, olintaf@hotmail.com



a qual ordem pertençam. Buscamos ressaltar a importância dos fenômenos numinosos e a necessidade de reconhecê-los presentes em nossa vida comum como fonte criativa do bem e do mal. Apresentamos o devido respeito à posição de Rudolf Otto que teve esta experiência como sendo de ordem religiosa metafísica e acrescentamos que, para Jung e a psicologia profunda, ser de uma categoria ou outra têm igual valor, pois, o que mais importa é o fenômeno experienciado como realidade psíquica.

Do conhecimento do fenômeno, esta comunicação segue para o entendimento da religião e de uma atitude religiosa conforme a psicologia profunda. Jung utiliza o termo numinoso de Otto, mas também cita Cícero² para conceituar Religião e o que seria uma atitude religiosa adequada: *Religião é aquilo que nos incute zelo e um sentimento de reverência por uma certa natureza de ordem superior que chamamos divina.* (JUNG OC 11/1, §8, nota 4), ou seja, Jung propõe consideração reverencial ao amplo espectro de manifestações destes fenômenos anímicos arquetípicos e religiosos numinosos.

Jung chamou a atenção para dois movimentos da modernidade que resultaram na tragédia das guerras mundiais de sua época: a morte do mito operante: *perda do valor supremo que dá vida e sentido às coisas* (JUNG, OC 11/1, §149); e a coincidência no tempo da conquista do poder pessoal do ser humano, que resultou num crescente narcisismo arquetípico. O narcisismo tem uma função estruturante para o ego ou eu, porém, conforme o direcionamento dado será criativo ou negativo, e neste segundo caso pode ocorrer um poder belicoso sobre nós. A profilaxia disto é a compreensão e a apropriação de nossa tarefa existencial, sempre bem simbolizada pelo inconsciente por linguagem simbólica em expressões diversas. Segundo Fernandes (2012, p. 86), *ao nos identificarmos com a vida simbólica, passamos a ter vida psíquica, e essa vida suplanta a concretude da matéria.* Neste caso, nos diz Jung, que Deus deve ir para dentro da psique. Jung (OC 11/1, §148)³, já registrava que para aqueles cujo “mistério submergiu e Deus

² Cícero, “De Inventione Rhetorica”, II. p. 147, apud JUNG, OC 11/1, § 9, nota 4

³ No intuito de facilitar a localização, as referências das obras de C.G. Jung estão segundo a forma internacional de citação, indicando o volume da coleção das *Obras Completas* pela abreviatura OC, seguido do parágrafo pela abreviatura § (ex.: OC 11, §15).



morreu”⁴ ele via a psicologia como único caminho. A psicologia nos conduz ao reconhecimento da vida inconsciente, nos deixando alertas à audição desse mundo interno.

Mas qual é a correspondência entre os fenômenos numinosos religiosos e arquetípicos e atitude religiosa? Como veremos, estamos tratando dos mesmos conteúdos inconscientes que são projetados⁵ conforme nossas necessidades de equilíbrio psíquico.

Alguns pontos do paradigma Junguiano estarão presentes no transcórre deste texto, entre eles, friso a sua concepção de real que abrange igualmente a realidade física e a realidade psíquica. E, não obstante a ortodoxia e o alcance metafísico das denominações Deus e Divino, na psicologia profunda, elas serão usadas em consonância a arquétipo central ou totalidade humana, denominado por Jung de Self ou Si-mesmo.

Quanto aos pesquisadores, Carl Gustav Jung (1875-1961) foi psiquiatra, criador da Psicologia Analítica Profunda, pensador intuitivo, um permanente buscador do entendimento do mistério humano, caminhou pela filosofia, pela mística, alquimia, mitologia, entre outros campos de conhecimento, sendo a religião um aspecto fundamental deste caminho, definidor da singularidade de sua psicologia analítica profunda. A investigação da psique e do inconsciente iniciou-se em 1903 com os *estudos experimentais com associação*⁶ e seguiu sendo consolidado por seus 65 anos de produção científica. Jung teve especial interesse pelos fenômenos religiosos, pois via ali canais para a compreensão do aspecto inconsciente da psique. Entre vários que somaram na construção de seus paradigmas está o professor, escritor e teólogo alemão Rudolf Otto (1869-1937). Otto surge trazendo *O Sagrado* e ressaltando a importância destes fenômenos, como sendo o fundamento das confissões religiosas e cujas características de manifestação são muito similares ao que Jung alcançou com relação às manifestações de fenômenos arquetípicos.

⁴ [...] *mas às numerosas pessoas para as quais a luz se apagou, o mistério submergiu e Deus morreu. Para a maioria não há retorno possível e nem se sabe se o retorno seria melhor. Para compreender as coisas religiosas acho que não há, no presente, outro caminho a não ser a psicologia: daí meu empenho de dissolver as formas de pensar historicamente petrificadas e transformá-las em concepções da experiência imediata.* (JUNG, OC 11/1, §148)

⁵*Projeção é um processo inconsciente automático, através do qual um conteúdo inconsciente para o sujeito é transferido para um objeto, fazendo com que este conteúdo pareça pertencer ao objeto. A projeção cessa no momento em que se torna consciente, isto é, ao ser constatado que o conteúdo pertence ao sujeito* (JUNG, OC 11/1, §141)

⁶ Conforme o próprio Jung (PENNA, 2013, p. 80).



Embora Otto parta da especificidade religiosa e Jung de uma análise psicológica, ambos conduziram suas pesquisas visando ao fenômeno.

Carl Gustav Jung

Jung, por volta do ano 1957, aos 82 anos, por ocasião do relato de suas memórias junto a Aniela Jaffé, do qual resultou o livro “Memórias, Sonhos e Reflexões”, mencionou a importância de sua experiência do *Deus Vivo*, a mesma que Otto denominou *O Sagrado*, e mais tarde de ‘*numinoso*’. Antes de Otto, Jung já atribuía características de *Numen* aos arquétipos, sendo o termo aplicado a sucessivas tentativas de explicar a noção de arquétipo e ao buscar analogias para esta noção, desde a *imagens eternas de Platão*; o *numen divino de Paracelso*; as *centelhas divinas*; as *mônadas*; as *ideias inatas de Adolf Bastian*, até os *padrões instintivos de comportamento* (PENNA, 2013). Mas, as conclusões de Otto trouxeram maior clareza às pesquisas de Jung, consolidando suas conclusões.

Sobre o fenômeno numinoso, Jung ressalta a importância da experiência, relatando as perdas do pai por não a ter buscado, e insiste na necessidade de reconhecê-la, buscá-la e curvar-se a ela, como determinante nos caminhos de liberdade pessoal:

Fizera a experiência que meu pai⁷ não tinha tentado [...] [ele] nunca vivera o milagre da graça que cura e que torna tudo compreensível. Tomara [ele] por regra de conduta os mandamentos da Bíblia, acreditando em Deus como a Bíblia exige e como seus pais o haviam ensinado. Mas não conhecia o Deus vivo, imediato, que se mantém livre e onipotente [...] que chama o homem à sua liberdade e que também pode obrigá-lo a renunciar às suas próprias opiniões e convicções, a fim de cumprir sem reservas a Sua vontade. [...] Em Sua onipotência cuida de que nada realmente mau resulte dessas provações. [...] Foi a obediência que me trouxe a graça e só a partir desse momento compreendi o que significa a graça divina. Aprendera que estava entregue a Deus e que o importante era cumprir Sua vontade, sem o que seria presa da loucura. (JUNG, 1996, p. 48)

Jung teve a primeira experiência arquetípica numinosa ‘religiosa’ aos 12 anos, quando um pensamento se lhe impôs causando-lhe grande perturbação e constrangimento. Já muito precoce nos estudos, sentiu-se impulsionado à biblioteca do pai e à dedicada leitura bíblica, em busca de respostas para as muitas perguntas que não tivera coragem de fazer: “Devorei livros sem encontrar o que buscava” (JUNG, 1996, p. 49). Ele relata que, naquela ocasião, verão de 1887, voltando do colégio ao meio-dia, passando pela praça da catedral, sentia-se deslumbrado com a beleza dos raios do sol refletidos sobre o teto da catedral (JUNG, 1996, p. 45). Sentia-se em comunhão com a vida quando abruptamente foi

⁷ O pai de Jung, Paul Achilles Jung, intelectual poliglota e pastor luterano.



submetido a uma imagem a qual chamou *terrível coação*, em outro momento *mal inconcebível* (JUNG, 1996, p. 46). Esta imagem lhe revelou o caráter contraditório de seu Deus. Para um pré-adolescente com fortes e tradicionais referenciais religiosos, era inevitável a culpa, sentia-se em pecado; sendo esta sensação somente aliviada quando, seguindo aos próprios questionamentos sobre a origem de tais pensamentos chegou aos filhos diretos de Deus – Adão e Eva – como *filhos perfeitos que jamais teriam cometido o primeiro pecado se Deus não tivesse posto neles a possibilidade de fazê-lo [...] consequentemente, a intenção de Deus era que pudessem pecar* (JUNG, 1996, p. 46). Caiu por terra os ensinamentos paternos de um Deus somente bondoso. A partir daí, ele iniciou uma crescente germinação interna junto a permanentes buscas que o levariam às complexidades da psique, ao inconsciente coletivo e aos arquétipos.

Em uma palestra na Universidade de Yale, em 1937, Jung (OC 11/1, §1) apresenta os fatos que evidenciam a função religiosa no inconsciente, ressaltando a importância da religião como uma das expressões mais antigas e universais da alma humana, constituindo um fenômeno histórico e sociológico, cujo estudo é de fundamental importância para o entendimento das estruturas psicológicas individuais e coletivas. É uma experiência primordial, e, assim sendo, seu foco principal será na ação sobre a pessoa e não suas crenças, convicções, etc. Para Jung (OC 11/1, §8), *Religião é religere*⁸ – *uma atitude de consideração e observação cuidadosas de certos fatores dinâmicos concebidos como potências* (idem, §6), *aquilo que Rudolf Otto chamou acertadamente de numinoso*. Jung está se referindo aos conteúdos inconscientes que se impõem através dos símbolos⁹, insistindo num diálogo com a consciência. *Nossa psique possui um caráter totalmente autônomo, formando muitas vezes não apenas os conteúdos das neuroses e psicoses, mas também [...] os conteúdos das visões e alucinações dos espíritos criativos* (JACOBI, 2017, p.59).

A psique como meio intermediário e criativo dos fenômenos numinosos – a criação de Deuses

⁸ *religere*, termo apropriado de Cícero que significa “considerar cuidadosamente, examinar de novo, refletir bem”

⁹ *Os símbolos representam tentativas naturais para a reconciliação e união dos elementos antagônicos da psique* (JUNG et al, 1996b, p. 94). Os sonhos e as visões são o produto psíquico resultado do encontro do inconsciente com o consciente.



A singularidade pessoal de Jung já se evidenciava na faculdade, seguindo com suas pesquisas em campos não convencionais por toda sua vida. Já aos 84 anos, numa resposta dada a um jornalista da BBC de Londres ao ser interrogado se acreditava em Deus, com a firmeza e clareza de quem percorreu e conheceu o caminho responde: *Não preciso crer em Deus, eu sei!* A resposta causou alvoroço e, diante de inúmeras indagações, esclarece numa carta a *The Listener* em janeiro 1960:

Sei que me acho claramente confrontado com um fator desconhecido em si ao qual denomino Deus! [...] É sabendo da existência do confronto com uma vontade superior em meu próprio sistema psíquico que eu conheço Deus [...] que está situado além do bem e do mal achando-se também em mim e fora de mim e por toda parte. (idem, p. 133 e 134)

Essas forças psíquicas antagônicas são mencionadas com naturalidade em Javé e bem visíveis nos anjos e demônios, mas com a ortodoxia Cristã inicial isso foi se alterando. Jung nos diz que *nossa consciência está impregnada de cristianismo e é quase inteiramente por ele formada: por isso a posição inconsciente dos contrários não pode ser aceita, simplesmente porque parece excessiva a contradição com as concepções fundamentais dominantes.* (JUNG, OC 7, §118). O ser humano buscando semelhança a Deus cresceu em culpa, pois, não havia meio de eliminar as tendências autônomas de sua natureza, sendo a posição unilateral do cristianismo, um desserviço em termos de crescimento pessoal e coletivo. Sendo a meta para alcançar o Reino do céu a pureza e bondade absolutas, necessário seria exercitar a contenção de um dos polos da psique, nossa natureza instintual e indomada, nosso polo inconsciente, naquele momento identificado como perigoso e mau. Conforme os exercícios de contenção de natureza, em igual proporção, nossa psique se rebela buscando ajuste tensional entre os polos criativos, pois, na fluência normal, o instinto precisa vir à luz e não ser forçado a permanecer na escuridão. Nesses ajustes, imagens arquetípicas irrompem sobre a psique provocando fenômenos numinosos de variados *espectros*, conforme veremos mais adiante.

Jung sintetiza o seu Deus como sendo um fato psíquico real e arquetípico¹⁰, possuindo atributos de onipotência, onisciência e eternidade (JUNG, OC 11, §454). Esses

¹⁰ Arquétipos: *O arquétipo é [...] um facultas praeformandi, uma possibilidade dada a priori da forma de sua representação. O que é herdado não são as idéias, mas as formas [...] (JUNG, OC 9/1§155). Arquétipos são predisposições funcionais para produzir idéias e ações iguais ou semelhantes (PENNA, 2013). São imagens*



arquétipos, por sua autonomia e numinosidade, exercem grande influência sobre a consciência, e também, por estarem no polo oposto à realidade subjetiva, escapam ao controle consciente. Mas Jung esclarece que suas conclusões não implicam a negação de Deus metafísico, nem a diminuição de sua importância e valor. Ainda assim, foi alvo de ataques, pelas afirmações teológicas que divergiam da Tradição aos quais respondeu sempre atenciosamente por cartas e artigos, etc. Numa carta ao filósofo judeu-austríaco Martin Buber (1878-1965), justificando sua análise a respeito de Deus, diz que *o fato de considerar que os enunciados referentes a Deus provêm, sobretudo, da alma, não implica a negação de Deus ou que se substitua Deus pelo homem [...]* (JUNG, OC 11, p. 103). Porém ele insiste que *Deus não pode existir sem uma ligação com o homem e que considere isto uma afirmação de caráter transcendente* (idem, p. 103). O que inclui, categoricamente, a psique como meio intermediário e interpretativo das manifestações fenomenológicas. Seguindo as colocações em carta a Buber, questiona: *Poderá Buber informar-me onde foi que Deus criou sua própria imagem, sem ligação com o homem?* (idem, 107). Jung continua afirmando: *absolutamente tudo o que dizemos a respeito de Deus é uma afirmação humana, isto é, psíquica* (idem, p. 107) e que *considerar um enunciado metafísico um processo psíquico não implica absolutamente que ele seja meramente psíquico* (JUNG, OC 11/3, §448). Tais afirmações esclarecem que é preciso partir do pressuposto de que o ato de crer expressa uma realidade de ordem psicológica, mas este fato não implica uma redução do fenômeno religioso a algo limitado e sem significado. Ou seja, quando a psicologia investiga um enunciado da fé, reconhecendo a sua realidade psíquica, ela não visa negar a realidade objetiva deste enunciado, longe disso, adiciona-se a ele, uma outra realidade: a psíquica. Jung, ainda a Buber, continua o argumento dizendo que iria especular ou fabular: *Deus formou uma imagem sua incrivelmente esplêndida e sinistramente contraditória [...]* e *a implantou no inconsciente do homem como arquétipo [...]* (JUNG, OC 11, p. 107). Desse modo, a ligação entre o ser humano e Deus foi forjada no homem por Deus nas profundidades psíquicas, e somente ali

primordiais, elementos estruturantes, formas sem conteúdo, cujo preenchimento se fará por componentes subjetivos e culturais e cuja acessibilidade é somente possível através de imagens simbólicas.



far-se-á esse encontro, a despeito dos vários caminhos buscados na exterioridade para promoção e realização dessa vivência.

Jung desenhou um mapa da psique constituído pela consciência cujo centro é o ego, o inconsciente pessoal que seria uma camada mais superficial do inconsciente e de conteúdo pessoal, sobretudo esquecidos e reprimidos; e à camada mais profunda que nos é inata denominou inconsciente coletivo ou objetivo, pois seu conteúdo é de natureza universal, estando aí a matriz de toda vida psíquica consciente e cujo conteúdo jamais será totalmente conscientizado. *O inconsciente coletivo é a poderosa massa de herança espiritual do desenvolvimento da humanidade, renascida em cada estrutura individual* (JUNG, OC 8/2, § 342) Sendo seu conteúdo neutro, *pois, seus conteúdos recebem sua determinação de valor e de lugar apenas através do confronto com a consciência* (JACOBI, 2017, p.63) Este conteúdo do inconsciente universal são os arquétipos, de natureza psicóide, pois, não são passíveis de se tornarem conscientes e de sua existência teremos conhecimento somente indireto por símbolos ou imagens arquetípicas. As manifestações das imagens arquetípicas serão determinadas autonomamente pelo arquétipo central denominado Self ou Si-mesmo: *Como fator numinoso que é, o arquétipo determina a natureza e o curso do processo de configuração, com uma precognição aparente ou mediante a posse apriorística da meta que é determinada pelo processo de centralização* (JUNG, OC 8/2, §411), ou seja, como um Deus pai e mãe, parte do arquétipo central o movimento das imagens arquetípicas e estas se fazem de conformidade às necessidades de equilíbrio psíquico. Tal equilíbrio ocorre naturalmente por um mecanismo compensatório de autorregulação, numa dinâmica consciente e inconsciente. Se há negação ou contenção dos aspectos inconscientes, o que tem ocorrido há pelo menos três mil anos, adentrando o período moderno e contemporâneo, o arquétipo central sinalizará simbolicamente, sendo os meios mais comuns, pelos sonhos e, de forma mais acentuada, por distúrbios psíquicos. Os fenômenos visuais e sensoriais numinosos também estão incluídos no mesmo processo regulador psíquico e a sua diversidade fenomenológica é atribuída à subjetividade humana. Jung ressalta o papel da psique afirmando-a como o ponto de intersecção entre os componentes universais e o componente subjetivo que se constatará nos fenômenos:

A psique é o eixo do mundo! A física demonstrou [...] a presença do observador na realidade objetiva. [...]o que implica uma componente subjetiva na imagem do mundo [...] e uma conexão da



psique com o contínuo objetivo espaço tempo indispensável para explicação da mesma [...] isto implica uma enorme simplificação, na medida em que transpõe a aparente incomensurabilidade que reina entre o mundo físico e o mundo psíquico [...] por meio de postulados deduzidos empiricamente, vale dizer, por meio dos arquétipos, cujos conteúdos, se existem nossa mente não pode conceber. Os arquétipos só se manifestam através da observação e da experiência [...] os arquétipos devem ter um aspecto não-psíquico. (JUNG, OC 8/2, §440) [...] A psique é o ponto de intersecção (idem, OC 3, §404).

Rudolf Otto e O Sagrado

Uma experiência semelhante na sua forma de manifestação, com uma conotação teológica e metafísica foi denominada pelo teólogo alemão Rudolf Otto (1869-1937) de *O Sagrado*, e mais tarde *O Numinoso: referindo-se a uma categoria numinosa de interpretação e valoração de estado psíquico numinosa que sempre ocorre [...] onde se julga tratar de objeto numinosa*. Otto ressalta que *essa categoria é totalmente sui generis, enquanto dado fundamental e primordial [...]* (OTTO, 2014, p. 38). Ele menciona numa nota de rodapé (2014, p. 38, nota 17) que esse termo foi usado anteriormente por Calvino, o que não altera a sua originalidade na aplicação dele. Otto menciona a dificuldade de definir a experiência, chegando a sugerir que sem a ter vivenciado seria difícil compreendê-la, e a descrição somente pode ser feita pelos efeitos provocados por aqueles que experienciaram o fenômeno.

Otto publicou “O Sagrado” no ano de 1917, então com 48 anos, o qual se tornou um *Best-seller* que o deixou mundialmente famoso, cujo conteúdo revolucionário para o seu meio teológico foi trazer o aspecto irracional fundante das religiões. Conforme relato de Friedrich Heiler em 1957 (Brandt apud OTTO, 2014, p. 16 e 17, nota 12)¹¹, Otto teve a experiência do Sagrado ou do *Numinoso* quando em sua primeira viagem ao Oriente, numa sinagoga judaica no norte da África, enquanto ouvia o tríplice santo do profeta Isaías (Is 6). O seu tradutor Hermann Brandt nos conta que a trajetória de Rudolf Otto foi típica de um teólogo acadêmico de sua época. Foi o décimo segundo filho de um fabricante de malte em Peine, Alemanha do Norte, atuando também como político. Estudou teologia e foi profundamente marcado pelo professor de teologia sistemática Theodor Von Haering a quem, mais tarde dedicou sua obra, “O Sagrado”. Doutorou-se em Göttingen em 1898, com uma tese na qual associou pesquisa sobre Lutero com dogmática. Tornou-se livre

¹¹ Citado na ‘apresentação’ da 3ª edição da obra para o português em 2014, por Hermann Brandt.



docente de teologia Sistemática em Göttingen e ali foi nomeado professor *extraordinarius* em 1904.

Otto teve influência de Kant, Schleiermacher, Söderblom. Dos estudos de Martin Lutero, marcaram-lhe os traços tenebrosos na concepção de Deus, a ira divina – naquele momento um forte contraste com o bom Deus do Iluminismo. No contexto de Rudolf Otto, prevaleciam algumas ideias a respeito de Deus e das religiões sendo uma delas quase unânime: a da racionalidade sobre a irracionalidade. Uma ideia crescida na sequência natural à ideia de si mesmo: assim como o ser humano pensa como o melhor de si mesmo a ser alcançado ser a consciência clara, a razão, vontade e bondade, este mesmo ser humano pensa o seu Deus com estes mesmos atributos perfeitos e absolutos.

Mas Otto ‘sabia’ que havia mais a ser buscado e partiu para a pesquisa do fenômeno com a seguinte questão: *Quais são as experiências e vivências que constituem o fundamento da religião?* Seu olhar e ouvidos voltaram-se para a reação dos envolvidos pelo fenômeno. Obviamente, tendo vivido o fenômeno assim como Jung, suas buscas tinham também fortes referenciais pessoais, os quais puderam depurar o ouvido aos depoimentos fenomenológicos como base de sua teorização. Constatando os efeitos transformadores desta experiência sobre aqueles que a vivenciaram e considerando o que advinha da elaboração desta experiência, percebe ali o fundamento, a origem criativa de deuses e religiões, formação de dogmas, ritos e símbolos religiosos. Ele diz que, embora pouco compreendido, o sagrado *está vivo em todas as religiões, constituindo seu mais íntimo cerne, sem o qual nem seriam religiões.* (OTTO, 2014, p. 38). Em seu livro “O Sagrado”, o que ressalta é o aspecto irracional do numinoso, sendo este o experienciado que não se explica com os recursos verbais acessíveis, já o elemento racional é o resultado do que o sujeito experimentador apreendeu e interpretou *com significados que em si não são tomados do mundo sensorialmente perceptível* (OTTO, 2014, p. 15). E complementa afirmando que *ambos os aspectos, se tratam de uma categoria estritamente a priori.* (OTTO, 2014, p. 150).

O fenômeno numinoso religioso e arquetípico



As irrupções abruptas sempre fizeram parte do universo humano e os efeitos que se apoderam do sujeito humano, sentidos como poderosos, perigosos e belos, foram interpretados como espíritos, demônios, deuses, leis, ideias ou ideais, sugerindo o devido respeito, temor, adoração. Desde os primórdios *o pensamento se impõe ao primitivo* (JUNG, OC 11, §469). Os vários relatos que se seguem corroboram com as descrições de Otto e de Jung. Conforme a descrição do fenômeno feita por Jung:

[...] se trata de uma tensão energético-psíquica, que corresponde, obviamente, a um conteúdo inconsciente de grande importância. Esse conteúdo atua de maneira poderosíssima e avassala a consciência. Esta realidade psíquica objetiva e extremamente poderosa tem sido chamada de “Demônio” ou de “Deus”, em todas as épocas [...] ultimamente inconsciente, pois Deus se tornou realmente inconsciente. (JUNG, OC 11, §479)

Veremos que os relatos das manifestações fenomenológicas diferem nas subjetividades, podendo ser experienciados em inúmeras variantes que vão da forma muito selvagem às extremamente pacificadoras, mas, ainda assim, incognoscíveis, conforme observamos em alguns relatos:

__ *Então Moisés cobriu o rosto, porque temia olhar para Elohin.* (Êxodo 3.6)

__ *Terrível é cair nas mãos do Deus vivo!* (Hebreus 10:31)

__ *Nosso Deus é um fogo abrasador.* (Hebreus 12:29)

__ *Temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo.* (Mt 10:28)

Um bom exemplo é descrito por Jung foi a experiência de Nicolau Bruder Klaus ou irmão Klaus, canonizado pelo papa Pio XII em 1947 e padroeiro da Suíça. Jung pondera que as crenças de Klaus numa imagem de um Deus de perfeição absoluta foram perturbadas em função de uma visão muito contrastante às suas crenças. Tais visões já teriam ocorrido com frequência em sua vida, mas dessa vez foi muito diferente. Para Jung, *a questão óbvia se apresenta: se um Deus somente pode ser bom, então estarei vendo o Demônio? Isso lhe exigiu imenso esforço psíquico para ser elaborado e integrado à consciência, daí a permanência no estado de pavor por algum tempo.* (JUNG, OC 11, p. 65). Acrescento as palavras do humanista francês Karl Bovillus, citado também por Jung, sobre a mesma experiência de Klaus: *Quero narrar uma visão que lhe apareceu no céu, numa noite estrelada, quando se achava entregue à oração e à meditação. Viu a figura de*



um rosto humano, que tinha uma expressão terrificante, cheia de cólera e de ameaças, etc. (JUNG, OC 11, §478).

Também a descrição de Santo Agostinho em Confissões (11: 9,1) nos ajuda na compreensão desse sentimento: *O que é aquilo que reluz através de mim e percute meu coração sem feri-lo? Estremeço tanto quanto me inflamo. Estremeço no quanto sou dessemelhante. Inflamo-me no quanto sou semelhante.* (Santo Agostinho apud OTTO, 2014, p. 60)

Na modernidade, Friedrich Nietzsche¹² é um exemplo daqueles que fizeram a experiência viva de Deus ou, na linguagem psicológica de Edinger¹³ (2014, p. 62), a *irrupção da experiência total ou encontro com a Personalidade Maior ou Self*, a qual Nietzsche, mais tarde, chamou de Zarathustra. Edinger nos diz que *Nietzsche sucumbiu neste encontro* (idem). Para Jung (1996a, p. 99) seu equívoco fora a *“ingenuidade e a falta de reservas excessivas”* com que mergulhou nessa região desconhecida:

[...] não se compreendeu a si mesmo ao cair no mundo do mistério e do indizível [...] daí a ênfase na sua linguagem, a superabundância de metáforas, o entusiasmo épico que tentava em vão falar desse mundo votado a um saber absurdo. E – como um dançarino de corda – acabou por cair além de si mesmo (JUNG, 1996a, p. 99)

Embora Jung acreditasse que Nietzsche tenha tido a experiência viva já na segunda metade da vida, Edinger nos lembra que esse encontro, conforme colocações do próprio Nietzsche às quais Jung não teve acesso, aconteceu na adolescência do filósofo. Vejamos o relato retirado de sua obra, publicada em 1951 com o nome “My Sister and I”:

Eu tinha doze anos quando o Senhor irrompeu em mim em toda a Sua glória, uma fusão fulgurante das imagens de Abraão, Moisés e do jovem Jesus da Bíblia. Em sua segunda visita, Ele veio a mim não fisicamente, mas em um estremecimento da consciência no qual o bem e o mal clamaram, diante dos portões da minha alma, por um igual reconhecimento. Na terceira vez Ele agarrou-me em frente à minha casa na forma de um terrível vento. Reconheci a ação da força divina, pois foi naquele momento que eu concebi a Trindade como Deus, o Pai, Deus, o Filho, e Deus, o Diabo (NIETZSCHE apud EDINGER, 2014, p. 66)

Segundo Edinger (2014, p. 64), Nietzsche teve um surto em 1889, então com 44 anos e foi internado pela família e considerado louco nos onze anos seguintes quando falece.

¹² Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844/1900), alemão, filósofo, filólogo, poeta, escritor e compositor. Teve dois avós pastores protestantes.

¹³ EDINGER, F. Edward (1922/1998), americano, psiquiatra, analista Junguiano e escritor.



Conforme Rudolf Otto (2014, p. 61), o Sagrado *por excelência e essência é diferente e oposto a tudo que possa ser pensado*. É inacessível às nossas categorias e a incapacidade de explicá-lo amedronta e aflige a razão. O duplo aspecto do numinoso se expressa pelo *mysterium tremendum* e pelo *fascinans*, no qual o *mysterium* representa o *das ganz Andere* – o totalmente outro, porque não se assemelha a nada humano: e o *tremendum*, o elemento que causa medo e pavor e o *fascinans*, o que atrai e fascina. Para Otto (2014, p. 151), o sentimento do numinoso eclode do fundo d’alma, da mais profunda base da psique. Ele seduz e embriaga, provoca delírio, o qual, na elaboração interpretativa, aparecerá como graça divina. É *assombroso, monstruoso ou aterrador. Tão grande que ultrapassa nossa capacidade de imaginação espacial* (idem, p. 80). É o santo ou augusto: *tu és digno de receber louvor, glória e poder!* (idem, p. 92). A experiência incita o elemento Orgê, caracterizado pela indução a um estado de alma de excitação e ardor heroico, uma vontade de viver somente para servi-Lo, como expressou o apóstolo Paulo: *já não sou eu que vive, mas o Cristo vive em mim* (Gálatas 2,20). E um aspecto de maior relevo nos relatos, conforme Otto, *é o sentimento de criatura, é sentir-se infinitamente pequeno diante de tanta glória*.

Da predisposição para a experiência

Otto ressalta que a predisposição para a experiência do numinoso pertence ao espírito do ser humano, *é um a priori*, ou seja, *um vir a ter*, natural mas que poderá ser despertado. Ele faz uma analogia com a predisposição musical que é um grau acima da simples capacidade para a experiência, dizendo-nos que algo similar se dá na área do sentir religioso, da experiência e produção religiosa. O Sagrado, embora disponível a todo ser humano, *é não ensinável, mas despertável, como tudo aquilo que provém do espírito* (OTTO, 2014, p. 39), propondo uma linha ascendente de conquistas espirituais:

As massas apresentam predisposição [...] como suscetibilidade para serem movidas para a religião. [...] A seguir está o Profeta como aquele que possui o Espírito como faculdade de voz interior e de divinação. [...] Acima desse patamar trata-se daquele que além de possuir o Espírito em plenitude, em sua pessoa e em sua obra passa a ser objeto da divinação do sagrado em sua manifestação. Este é Filho. (OTTO, 2014, p. 207)

Interessante fazermos o paralelo ao movimento do inconsciente. Conforme Jung *a consciência só pode reivindicar uma situação relativamente intermediária e tem de tolerar*



ser superada e envolvida de certo modo por todos os lados pela psique inconsciente (JUNG, OC 12 § 175). Para Jung, o movimento das imagens arquetípicas, quando se trata de um ser humano ainda bem inconsciente dos movimentos psíquicos, será feito de maneira automatizada, praticamente instintiva, sentida com temor e respeito e provocando a criação de crenças e rituais, os quais canalizam e acomodam estes conteúdos de forma saudável. À medida que é feita a tomada de consciência individual, quando este e aquele se dão conta de que nem tudo vai bem com sua constituição psíquica, a confrontação com as imagens arquetípicas será evidente, principalmente através dos sonhos. Com o trabalho psicológico, o acolhimento das imagens oferecidas pela psique, este conteúdo vai sendo integrado à consciência, abrindo horizontes de liberdade. Para Jung, as visões e aparições são projeções de conteúdos inconscientes semelhantes aos sonhos, porém, os fenômenos acontecem sob o estado de vigília (JUNG, OC 8/2, §581). Como já mencionado anteriormente, as irrupções abruptas sobre a psique designam uma força inconsciente compensatória proporcional à unilateralidade consciente, como foi o caso do apóstolo Paulo: *se Saulo tivesse sido mais equilibrado em seu consciente, seu inconsciente teria tomado também um rumo diferente [...]* (JUNG, 2012, p. 144). Em tal afirmação, Jung está se referindo à forte oposição e perseguição aos cristãos, uma questão bem pessoal¹⁴. E ainda, para Jung, a psicologia da conversão de Paulo, embora pareça ter sido uma conversão repentina, partiu de um longo período de incubação e a percepção irrompeu no momento em que ele estava maduro para a conversão (JUNG, OC 8/2, §582).

Conforme vimos, os agraciados com a experiência, muitas vezes, tomam contato com a ira de Deus, cujo entendimento, para Otto: *é uma força natural oculta [...] como uma descarga de eletricidade acumulada* (OTTO, 2014, p. 50). Para Jung, é característica das imagens arquetípicas esta enorme tensão energética, como também deriva do resultado de tensão energético-psíquica pela longa manutenção em um dos polos da psique, a consciência.

Conclusão

¹⁴ Conforme o biógrafo Jerome O'Connor, sobre as perseguições de Paulo aos Cristãos, Paulo *as empreendeu por iniciativa própria [...] e não por capacidade jurídica oficial.* (O'CONNOR, 2015, p. 81)



Observamos a grande similaridade entre Rudolf Otto e Carl Gustav Jung na descrição dos fenômenos numinosos, como também, ambos concordam ser a psique¹⁵ uma intermediária do fenômeno e dos processos criativos. Para Otto a manifestação do numinoso sendo uma *cognição a priori* (OTTO, 2014, p. 207), toda pessoa *pode vir a ter* a partir de uma *receptividade* ou por *Dom*, e sua manifestação se daria diferentemente conforme a sensibilidades individuais do *sentir religioso*. Para Jung o arquétipo é um *a priori* e se manifesta conforme nossas necessidades individuais por um comando central transpessoal, o Self. Um e outro concordam, e o expressam em linguagem particular, que a experiência numinosa mais plena é *a encarnação de Deus* nas palavras de Jung e nas palavras de Otto é ser *Filho* (OTTO, 2014, p. 207).

Às questões levantadas ao propósito da participação subjetiva no fenômeno cabe, mais uma vez, reafirmar nesta conclusão: afinal qual é a natureza da psique? Jung encontrou uma psique com um centro pessoal, o ego, e um centro transpessoal o Self ou Si-mesmo, cujo diálogo se dá por meios simbólicos. No encontro com este centro transpessoal, o Si-mesmo, *carrega um tipo divino de qualidade, de maneira que o sujeito se sente obrigado a servi-lo* (EDINGER, 2014, p. 33). Jung insistia que não poderia falar daquilo que ultrapassasse os fatos, embora observe: *não me acanho de confessar que duvido de que a abordagem e análise, exclusivamente psicológica façam justiça aos fenômenos em questão [...]* (JUNG, OC 8/2, §600, nota 16).

Jung sugere a proximidade entre teólogos e psicólogos considerando os objetivos comuns no tratamento da alma humana.

Tão longa e diversa tem sido a busca do homem pelo Divino e, principalmente, a busca do Divino pelo homem! Para quem duvide, observe os sonhos!

Ao adentrarmos a modernidade, seguido pela contemporaneidade, deparamo-nos com uma tendência para a desconexão com o Divino das Tradições e na ausência de novas representações metafísicas operantes, somadas à autodescoberta dos valores pessoais, registra-se a crescente inflação subjetiva no formato de narcisismo negativo. Apropriar-se dos valores pessoais é objetivo, mas identificar-se com o Self ou, em linguagem teológica, com o Divino, é problema. Conforme Jung, isto poderá ser amenizado caso nos

¹⁵ Otto cita a psique dezenas de vezes no discorrer sobre o Sagrado. (OTTO, 2014)



apropriemos adequadamente de nosso lugar no universo: somos aqueles que têm o instrumento que pode ser afinado para a revelação e encarnação de divina, o *Totalmente Outro* de Otto. Jung (OC 8/2, §42) nos diz que *a morte de Deus* nos levou à identificação com o Self e esta identificação tem sido motivo de nossa destruição, causa vista no plano coletivo os trágicos registros desde primeira guerra de 1914 (JUNG, OC 8/2, §83 e 430). Ilustra, ainda, no plano pessoal a cisão interior e tragédia de Nietzsche¹⁶ (JUNG, OC 8/2, §142). Para Jung (OC 11, §141), os deuses politeístas *fundiram-se num só Deus que logo se fez homem. Mas em nossa época [...] o próprio Deus-Homem desce do trono para se diluir no homem comum. É por esse motivo talvez que seu lugar se encontra vazio. E por isso o homem moderno sofre de uma hybris de consciência que se aproxima de um estado patológico.*

Jung se empenhou em *dissolver as formas de pensar historicamente petrificadas e transformá-las em concepções da experiência imediata* (JUNG, OC 11/1, §148), ressaltando que se trata de empreendimento difícil, mas [...] *o estudo dos símbolos naturais do inconsciente nos oferece o material necessário* (idem). Assim, compreende-se sua insistência para se levar a sério nossas experiências íntimas. A nossa tarefa é atentar para a experiência viva numinosa, nos seus vários espectros, postura que certamente nos reconectará à Fonte, nos recordando os saudáveis referenciais de Senhor e servo.

Referências

- Bíblia de Estudo Almeida, Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- EDINGER, F. Edward. *Ciência da Alma – uma perspectiva Junguiana*, São Paulo: Paulus, 2014.
- FERNANDES, Roberto Rosas. *Narcisismo e Espiritualidade: O desenvolvimento da consciência pela elaboração simbólica*. São Paulo: Editora Escuta, 2012.
- JACOBI, Jolandi. *A Psicologia de C.G.Jung: uma introdução à obra completa*, 2017. Petrópolis, Editora Vozes
- JUNG, Carl Gustav. *Cartas*. Volume I. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. 2. ed.
- JUNG, Carl Gustav. *Cartas*. Volume III. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

¹⁶ *O resultado dessa morte foi sua cisão interior que o compeliu a personificar seu outro “Si-mesmo” (Selbst) como “Zarastustra” ou, em outra fase como Dionísio.* Veja mais em (JUNG, OC 11/1, §142). Numa avaliação mais atual da tragédia Nietzscheana, buscamos o filósofo Luiz F. Pondé, que a entende como uma “utopia do super-homem” Disponível em: <<http://migre.me/wDgdt>>. Acesso em: 21 maio 2017. (Entrevista dada ao programa JP Sem fronteiras, em 2012)



- JUNG, Carl Gustav. Memórias, Sonhos e Reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [ca. 1996a]. 20. ed.
- JUNG, Carl Gustav. Obra Completa. Volume 7. O Eu e o Inconsciente. Petrópolis: Editora Vozes, 1991. 3. ed.
- JUNG, Carl Gustav. Obra Completa. Volume 8/2. A Natureza da Psique. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. 5. ed.
- JUNG, Carl Gustav. Obra Completa. Volume 10 e 11. Escritos diversos. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- JUNG, Carl Gustav. Obra Completa. Volume 11/1. Psicologia e Religião. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. 6. ed.
- JUNG, Carl Gustav. Obra Completa. Volume 11/3. O Símbolo de Transformação na Missa. Petrópolis: Editora Vozes, 1991. 3. ed.
- JUNG, Carl Gustav. Obra Completa. Volume 11/4. Resposta a Jó. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. 6. ed.
- JUNG, C. G et al. O Homem e seus Símbolos. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996b.
- JUNG, Carl Gustav. Seminários Sobre Psicologia Analítica. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- O'CONNOR, Jerome Murphy. Paulo: Biografia Crítica. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- OTTO, Rudolf. O Sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução de Hermann Brandt. Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2014.
- PENNA, Eloisa M. D. Epistemologia e método na obra de C. G. Jung. São Paulo: Educ/Fapesp, 2013.